

## Argumentação e impolidez: o *post* nas instâncias da interação

### Argumentation and impoliteness: the post in the instances of the interaction

Rodrigo Albuquerque<sup>1</sup>  
Isabel Roboredo Seara<sup>2</sup>  
Leonor Werneck dos Santos<sup>3</sup>  
Micheline Mattedi Tomazi<sup>4</sup>

**Resumo:** A partir da convergência teórica dos estudos de (im)polidez e de argumentação, este artigo busca analisar estratégias linguístico-discursivas (im)polidas que subjazem aos posicionamentos dos leitores que opinam, no *Facebook*, sobre a notícia “Moradores de rua se casam em avenida de BH”. Para a construção da base teórica, convocam-se trabalhos afiliados aos estudos da (im)polidez (LAKOFF, 1973; LEECH, 1983; BROWN; LEVINSON, 1987; CULPEPER, 1996) e da argumentação (ROULET, 1989; AMOSSY, 2000; 2009; 2017; RODRIGUES, 2011). Sob a orientação de um paradigma qualitativo, foram analisados 22 comentários referentes à referida notícia, veiculada em 2019 no *Facebook* do Portal G1. Como resultados, percebeu-se, no *corpus*, que as interlocuções foram permeadas por diversas estratégias linguístico-discursivas que visavam a ridicularizar o casamento coletivo realizado em Belo Horizonte (BH), revelando um discurso marcadamente agressivo e impolido.

**Palavras-chave:** Argumentação. Impolidez. Interação. Contextos sociais digitais. *Facebook*.

**Abstract:** Based on the theoretical convergence of the studies of (im)politeness and argumentation, this article aims to analyze (im)polite linguistic-discursive strategies that underlie the opinions of readers who commented on the news report’s post on Facebook, regarding “Moradores de rua se casam em avenida de BH”. For the construction of the theoretical basis, we based this article on works affiliated to the studies of (im)politeness (LAKOFF, 1973; LEECH, 1983; BROWN; LEVINSON, 1987; CULPEPER, 1996) and argumentation (ROULET, 1989; AMOSSY, 2000; 2009; 2017; RODRIGUES, 2011). Under the guidance of a qualitative paradigm, 22 comments were analyzed on the referred news report, published in 2019 on Portal G1’s Facebook profile. As a result, we noticed, in the *corpus*, that the interlocutions were permeated by several linguistic-discursive strategies that aimed to ridicule the collective marriage held in Belo Horizonte (BH), revealing clearly aggressive and impolite speech.

**Keywords:** Argumentation. Impoliteness. Interaction. Digital social contexts. Facebook.

---

<sup>1</sup> Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Brasília, DF, Brasil. Endereço eletrônico: [rodrigo.albuquerque.unb@gmail.com](mailto:rodrigo.albuquerque.unb@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Aberta/CLUNL-NOVA, Departamento de Humanidades, Lisboa, Portugal. Endereço eletrônico: [isabel.seara@uab.pt](mailto:isabel.seara@uab.pt).

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: [leonorwerneck@letras.ufrj.br](mailto:leonorwerneck@letras.ufrj.br).

<sup>4</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Línguas e Letras, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: [michelinetomazi@gmail.com](mailto:michelinetomazi@gmail.com).

## Considerações iniciais

Durante a segunda metade do século XX e até os anos iniciais no presente século, as pesquisas abordando (im)polidez se dedicavam às interações verbais orais, reportando-se, sobretudo, a fundamentos teóricos da pragmática e da análise da conversação. Porém, as mudanças nas formas de convivência propiciadas pelo desenvolvimento das tecnologias digitais e o advento das redes sociais promoveram novos contextos de interação e trouxeram profundas transformações nas formas de interagir. Além disso, as interações orais, que eram estudadas, sobretudo, no âmbito de um contexto *in prasentia*, foram progressivamente substituídas por interações escritas que, decalcando a estrutura das primeiras, se afirmam predominantes nos cenários digitais.

Diante desse cenário, o desafio contemporâneo consiste em trazer reflexões nos âmbitos teórico, metodológico e analítico no que tange às interações verbais que ocorrem nos espaços digitais. Neste artigo, focalizamos os contextos sociais de interação nos ambientes digitais, especialmente em relação a uma postagem publicada na rede social digital *Facebook*, na conta do Portal de Notícias G1, a respeito do casamento coletivo de moradores de rua, ocorrido em Belo Horizonte (Minas Gerais), em julho de 2019 (<http://www.facebook.com/g1/posts/3069531306432267>).

Partimos de uma concepção de linguagem dialógica e sócio-histórica (AMOSSY, 2017) e pretendemos demonstrar como a impolidez se manifesta em contextos digitais, muitas vezes garantida pelo anonimato da internet. É possível constatar que a agressividade tem se tornado recorrente nas mídias digitais, refletindo os cenários de violência cada vez mais frequentes na sociedade, portanto, para Rodrigues (2021, p. 14), “Se as interações face a face no mesmo espaço registram eventos de violência verbal, em ambientes *on-line* não é diferente, parecem mais vulneráveis”. Nessa perspectiva, segundo Balocco e Shepherd (2017, p. 1023), devemos entender o discurso polêmico como

[...] uma forma de textualização discursiva, em que há polarização entre os participantes de um evento discursivo, identificada através da existência de um contra-discurso antagonista e de estratégias discursivas que visam desconstruir o adversário (por exemplo, através de argumentos *ad personam*, que atacam a pessoa e não o discurso que ela sustenta).

Para Amossy (2017), a sociedade do século XXI é afeita ao espetáculo, e o *Facebook* constitui, no dizer da autora, a praça pública da atualidade, onde os interagentes se mostram uns aos outros, onde as ideias são discutidas e as polêmicas se desenvolvem, muitas vezes, de forma ácida. Assim, nas redes sociais, conforme Cabral e Lima (2017), as interações acontecem mais na ordem do conflito do que na ordem da harmonia, tornando-se um palco

mediatizado de encenação, um espaço de partilha de opiniões, de revelações e de exposição do cotidiano, que visa à construção de uma identidade midiática onde a visibilidade e a exposição se interpenetram (CARVALHEIRO; PRIOR; MORAIS, 2015). Espaço onde os interlocutores constantemente constroem sua identidade, uma imagem idealizada de si, fundada também na construção da imagem do outro (TERKOURAFI, 2005).

Assim, propomos, neste artigo, uma análise qualitativa das estratégias linguístico-discursivas (im)polidas que subjazem aos posicionamentos dos leitores que opinam, no *Facebook*, sobre a notícia “Moradores de rua se casam em avenida de BH”. Para a construção da base teórica, consideramos, para o debate em torno das interações inscritas em contextos sociais digitais (THOMPSON, 2018), as contribuições dos estudos de (im)polidez afiliados à primeira onda (LAKOFF, 1973; LEECH, 1983; BROWN; LEVINSON, 1987; CULPEPER, 1996), em articulação com os estudos da argumentação (ROULET, 1989; AMOSSY, 2000, 2009, 2017), haja vista a inter-relação de ambas as temáticas no que tange à mobilização de estratégias argumentativas para promover ações de violência verbal.

No âmbito metodológico, subscrevemo-nos a um paradigma qualitativo, em razão de sua perspectiva “exploratória, fluida e flexível, orientada para os dados e sensível ao contexto” (MASON, 2002, p. 24) nos possibilitar “extrair [...] os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” (CHIZZOTTI, 2003, p. 221) e, por esse motivo, se voltar para a interpretabilidade, para a perspectivação (inter)subjativa, para a análise de dados contextual e referencialmente situada.

### **(Im)polidez em contextos digitais: domínios linguísticos, discursivos e interacionais**

Por prever que a polidez, em referência à etimologia da palavra, tem “a função de arredondar os ângulos e “polir” as engrenagens da máquina conversacional, a fim de preservar seus usuários de graves lesões” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 101), poderíamos, por analogia, afirmar que a impolidez, especialmente a que decorre da intencionalidade em ser impolido, se associaria não só à ausência de polimento das engrenagens da máquina conversacional, mas também à acentuação de tais ângulos, intencionando promover em seus usuários graves lesões. Arredondar/polir se associaria, portanto, ao uso de estratégias de polidez (mitigação de ações prototipicamente impolidas e intensificação de ações prototipicamente polidas), ao passo que acentuar/despolir se associaria tanto à ausência de estratégias polidez (em situação em que elas fossem esperadas) quanto ao uso de estratégias de impolidez.

Em nossa concepção, um dos fatores que influencia a manifestação da (im)polidez é o estatuto interacional assumido pelos interlocutores. Em ampliação à teoria interacional da mídia (THOMPSON, 1995), que previu três tipos de interação, Thompson (2018) inclui a interação mediada on-line, que congrega: (i) uma constituição espaço-temporal estendida no espaço e no tempo (diferentemente da interação face a face, que prevê copresença); (ii) uma gama de pistas simbólicas limitada (em oposição à interação face a face, que congrega, pelo contexto de copresença, o acesso a todas as manifestações de linguagem mobilizadas); (iii) um grau de interatividade dialógico (contrariamente à quase-interação mediada, que tende a ser monológica, em decorrência de o fluxo de comunicação midiático ser, predominantemente, unilateral); e (iv) uma orientação da ação de muitos para muitos (quando a interação face a face, a interação mediada e a quase-interação mediada convocam, respectivamente, outros em copresença, um para um e um para muitos).

Culturalmente, dado o seu caráter de interação mediada on-line, o contexto digital favorece um terreno para o uso de estratégias de polidez e de impolidez, pois requer uma (re)ação têmporo-espacial assíncrona (oferecendo um tempo maior para realizar um raciocínio estratégico e menos automatizado, com base em seus propósitos interacionais), uma construção conjunta/dialógica de sentidos (possibilitando julgamento ao outro e maior tendência ao uso de estratégias de preservação/ameaça da/à sua face) e um conteúdo que pode ser direcionado a alguém publicamente (ameaça à face) ou direcionado de modo genérico (preservação de face).

Logo, consideramos que as ações de polir/despolir e de arredondar/acentrar, como ações que preservam/ameaçam as faces dos interagentes e colaboram com interações mais ou menos (im)polidas, estão plenamente associadas, em primeiro lugar, à própria particularidade interacional do contexto digital, o que nos inspira a aventar um debate concernente ao contínuo entre o desejo de ser polido e o desejo de ser impolido. Para tanto, almejamos, nesta seção, tratar da (im)polidez emergente de interações mediadas on-line.

Os primeiros estudos de (im)polidez, denominados de primeira onda (abordagem griceana), surgem da pragmática (clássica), altamente influenciada por Grice e Austin, cujo foco analítico incide em lexemas e enunciados isolados (BLITVICH; SIFIANOU, 2019). Embora haja, nesta vertente, certa incursão social, tais estudos concebem a (im)polidez como fenômeno universal (pancultural), privilegiando uma perspectiva ética (foco nas percepções do pesquisador) (BLITVICH; SIFIANOU, 2019). Por essa razão, neste artigo, conjugamos tais estudos com o debate atinente à argumentação, em função de nosso interesse tanto pela

dimensão linguística (estudos de polidez de primeira onda) quanto pela dimensão discursiva (estudos de argumentação).

Lakoff (1973) assume ser relevante tratar, além da clássica competência linguística, da competência pragmática, que consiste no gerenciamento das necessidades de ser claro e de ser polido. No entanto, em situações em que ambas as necessidades estejam em conflito, Lakoff (1973) sugere ser mais importante evitar ofensas do que primar pela clareza, o que colocaria, em segundo plano, o princípio cooperativo e as máximas conversacionais (GRICE, 2006 [1975]). Com vistas a ser polido, Lakoff (1973) propõe que o locutor: não seja impositivo, ofereça opções e faça com que seu interlocutor se sinta bem. De modo geral, Leech (1983) traz uma perspectiva de polidez vinculada ao binômio custo/benefício, de modo que, na interação, os custos tendem a ser direcionados ao próprio locutor; enquanto os benefícios, ao interlocutor. Em outras palavras, o locutor minimiza o que é desfavorável (custos) e maximiza o que é favorável (benefícios) ao seu interlocutor, assim como maximiza o que é desfavorável (custos) e minimiza o que é favorável (benefícios) a si. Em sua teoria, Leech (1983) concebe duas manifestações distintas de polidez: a polidez absoluta (com locuções inerentemente (im)polidas) e a polidez relativa (com locuções avaliadas contextualmente).

Brown e Levinson (1987), e, por conseguinte, Culpeper (1996), se valem, em seus construtos teóricos, da noção de face, que se relaciona à imagem social, isto é, ao desejo dos interagentes em conquistarem uma aprovação mútua (GOFFMAN, 1967), e, portanto, ao equilíbrio ritual da interação, voltadas tanto para a necessidade de ser apreciado/aprovado (face positiva) quanto para a necessidade de ser livre de imposições (face negativa). A partir de tal noção e das três variáveis sociológicas – poder relativo (relação assimétrica/vertical), distância social (relação simétrica/horizontal) e grau de imposição para dada cultura –, Brown e Levinson (1987) propõem um quadro com cinco macroestratégias de polidez, que inspiram, mais adiante, Culpeper (1996), conforme ilustra o quadro seguinte, a propor cinco macroestratégias de impolidez.

Quadro 1 – Macroestratégias de polidez (BROWN; LEVINSON, 1987) e de impolidez (CULPEPER, 1996)

<b>POLIDEZ</b>	<b>IMPOLIDEZ</b>
Ameaça direta à face, sem ação reparadora (não considerada ação impolida)	Ameaça direta à face, sem ação reparadora (considerada ação impolida)
Ameaça direta à face com ação reparadora por meio de superestratégia de polidez positiva	Ameaça direta à face sem ação reparadora por meio de superestratégia de impolidez positiva
Ameaça direta à face com ação reparadora por meio de superestratégia de polidez negativa	Ameaça direta à face sem ação reparadora por meio de superestratégia de impolidez negativa
Ameaça indireta à face	Ameaça indireta à face (insinceridade, brincadeira, sarcasmo, ironia, polidez simulada)
Não ameaça à face	Ausência de polidez

Fonte: autoria própria.

Os estudos de segunda onda (abordagem discursiva/pós-moderna) surgem da análise de discurso, influenciada por Foucault e Bourdieu, cujo foco analítico incide no discurso, situado em dada ordem social (BLITVICH; SIFIANOU, 2019). Embora a inauguração dessa proposta almejasse a integração dos níveis micro e macro, havia escassas ferramentas para uma análise micro, ao conceberem que a (im)polidez se instanciava mais na interpretação e no contexto do que nas formas linguísticas (BLITVICH; SIFIANOU, 2019). A polidez, para os teóricos da segunda onda, ganha uma perspectiva êmica (foco nas percepções dos colaboradores) e, por essa razão, volta-se para o idiossincrático, como uma implicatura particularizada (TERKOURAFI, 2005), o que fortalece a necessidade de se analisarem dados empíricos, cujo foco incida sobre as ações (e as reflexões) dos sujeitos de pesquisa.

Com o intuito de abordar a (im)polidez na perspectiva da pragmática discursiva, nascem os estudos de terceira onda (abordagem interacional/sociológica), que, em superação à dicotomia micro-macro, incluem as práticas de gêneros discursivos e de texto, em um nível meso/intermediário (BLITVICH; SIFIANOU, 2019). Como campo intermediário entre a pragmática clássica (primeira onda) e a análise de discurso (segunda onda) (HAUGH; CULPEPER, 2018), os estudos de terceira onda se situam em uma perspectiva sociointeracional, a qual concebe que os sentidos são construídos conjuntamente pelos sujeitos nas instâncias de uma interação contextualmente situada. Essas interações convergem em textos (orais, escritos, digitais), que, por sua vez, se vinculam a dados gêneros do discurso, decorrentes de determinadas práticas sociais. Assim, estudos de terceira onda não dicotomizam as dimensões micro/macro, universal/cultural, ético/êmico, linguístico/social, co-textual/contextual, frástica/discursiva, mas as enxergam como dialéticas, cuja convergência ocorre no texto (vinculado a dado gênero), como resultante de uma língua(gem) em uso.

No que tange aos estudos de (im)polidez, reiteramos que a nossa pesquisa privilegia, centralmente, uma dimensão micro (primeira onda). Contudo, destacamos que, ao conjugarmos, no âmbito teórico, a relação entre (im)polidez e argumentação, trazemos uma incursão discursiva, atendendo, em certa medida, a uma dimensão macro (segunda onda); assim como, ao analisarmos interações mediadas on-line, projetamos nossa concepção de (im)polidez para uma dimensão meso (terceira onda). Nesse sentido, nossa análise, apesar de partir das estratégias de Brown e Levinson (1987) e de Culpeper (1996), transcende o domínio frástico, pois consideramos que os sentidos das estratégias de (im)polidez somente se constroem em interações contextualmente situadas.

## **Argumentação e impolidez verbal**

Numa perspectiva interacionista, subscrevemos a impolidez como expressão de argumentos quer de ataque à face do outro, quer de adoção de estratégias de refutação que deflagram uma divergência de opiniões que instala um quadro de dissenso e de polêmica verbal, no sentido proposto por Roulet (1989) e Rodrigues (2011).

Defendemos, tal como Rodrigues (2011, p. 105), que a polemicidade é um fenômeno linguístico da ordem do discurso, transversal à interação verbal, que apresenta uma dimensão gradativa, e que o ato refutativo que lhe subjaz apresenta alguns traços: (i) desacordo entre os interlocutores; (ii) natureza do contradiscurso; (iii) natureza argumentativa; (iv) agressividade; e (v) objetivo perlocutório de desqualificação do ‘alvo’ (MOESCHLER, 1982).

Assumimos, portanto, teoricamente a posição de Fonseca (1992), ao defender que a polemicidade configura uma dimensão específica de textos de natureza argumentativo-persuasiva, em que existe claramente uma intenção comunicativa de desqualificar o outro ou a palavra do outro. Partindo destes pressupostos, facilmente se depreende que, visando ao efeito perlocutório de desqualificar e desacreditar o outro, suscitando simultaneamente a adesão do público, a polemicidade decorra da expressão de atos ilocutórios ameaçadores da face, como os de desacordo, de refutação, de crítica, de acusação ou de censura, marcados por desvalorizações e avaliações axiológicas negativas.

O renovado interesse pelo estudo da argumentação parte do pressuposto de que há uma dimensão interativa e argumentativa inscrita na própria língua, inerente ao próprio discurso. Entre vários autores que subscrevem esta concepção pragma-dialética da argumentação destacam-se Van Eemeren e Grootendorst (1984, 1992), que consideram a argumentação como objeto central de uma nova área interdisciplinar autônoma, numa perspectiva assumidamente dialética, adotando uma filosofia crítico-racionalista na qual se assume a natureza comunicativa e social da argumentação, assim como se visa conjugar os aspectos descritivos da análise da argumentação, convocando elementos linguísticos e, sobretudo, pragmáticos. Assume-se, portanto, que a argumentação é um complexo ilocutório, uma “constelação ilocutória”, cujo objetivo é contribuir para a resolução de uma diferença de opinião ou uma disputa, em que um argumento consiste no conjunto de enunciados que se apresentam em defesa de um ponto de vista. Assim, subscrevemos a posição de Van Eemeren e Grootendsort (1992, p. 16), que sublinham que à argumentação subjaz um meio racional de convencer um adversário crítico e não apenas se afigura como um meio de persuasão.

Mais do que catalogar esquemas argumentativos, esta teoria inventaria formas de interação argumentativa e parte de um contradiscurso (entendido no sentido de discurso

refutativo da posição do outro), o que nos permite constatar que a maior parte das interações verbais não atingem a fase de argumentação e se mantêm numa fase de confrontação (ANGENOT, 2008).

Partilhamos, ainda, os pressupostos de Amossy (2000, 2009), que, ao propor uma teoria da argumentação no discurso, com uma forte inspiração retórica, considera a argumentação um ramo da Análise do Discurso, reiterando a indissociabilidade do funcionamento geral do discurso. Para Amossy (2000, p. 40-41), os princípios que norteiam a análise argumentativa no discurso são os seguintes:

1. Uma abordagem da argumentação na língua natural e na materialidade do discurso, como elemento integrante de um funcionamento discursivo global, contemplando escolhas lexicais, modalidades de enunciação, e encadeamentos dos enunciados (conectores, *topoi*, marcas do implícito), porque a argumentação não se reduz a uma série de operações lógicas e processos de raciocínio.
2. Uma abordagem comunicacional, já que a argumentação visa um auditório e não pode ser compreendida fora de uma relação interlocutiva, devendo essa relação ser apreendida numa perspectiva argumentativa aliada à análise do discurso.
3. Uma abordagem dialógica, uma vez que a argumentação pretende agir sobre o auditório e, portanto, terá de se adaptar a este. A argumentação é sempre tida num confronto de pontos de vista, ainda que não haja polémica aberta ou dissenso declarado.
4. Uma abordagem da argumentação indissociável de um género de discurso, já que o género determina os objetivos, os quadros de enunciação e a distribuição dos papéis prévios.
5. Uma abordagem figural, que contemple os efeitos de estilo e as figuras na medida que, analisadas na sua orientação persuasiva, assumem um impacto sobre o alocutário.
6. Uma abordagem textual, entendendo texto como um conjunto coerente de enunciados, que integre tanto um estudo dos procedimentos de conexão que comandam o desenvolvimento de um texto, bem como os processos lógicos (silogismos e analogias, estratégias de associação e dissociação) que são explorados no quadro complexo do discurso em situação.

Estes princípios são, de resto, confirmados por Angenot (2008, p. 418), para quem a análise argumentativa é inseparável do conjunto de fatos da discursividade, depende da imersão dos textos no discurso social do tempo e decorre da análise hermenêutica, ou seja, do entendimento do texto como um conjunto estratificado de sentidos.

A argumentação é, pois, indissociável da construção de processos de valorização e de desvalorização, pelo que, ao mobilizar argumentos polarizados nas práticas interacionais, instaura orientações e posicionamentos que modificam ou reforçam representações e opiniões. A (im)polidez, por sua vez, é dependente do contexto. Se a polidez é uma atividade que pretende manter o equilíbrio das imagens dos participantes na interação (BROWN; LEVINSON, 1987), a impolidez linguística, diferentemente, ocorre sempre que o locutor realiza um ato inapropriado, que atinge a face do interlocutor. A impolidez está, assim, em inter-relação com a agressividade verbal, embora aquela possa não implicar esta. Note-se, no



entanto, que esta agressividade verbal, que configura o ato de (im)polidez, é um fenômeno escalar. O insulto, como manifestação extrema de agressividade verbal, tem como consequências perlocutórias a própria inibição do diálogo, como acentua Ilie (2001).

A impolidez pode, portanto, ser mais ou menos agressiva, em função de parâmetros contextuais pré-estabelecidos e da avaliação dos interlocutores. É esta a posição assumida por Locher e Watts (2008), ancorados aos estudos de polidez de segunda onda, que fazem depender a noção de impolidez (e, igualmente, de polidez) de uma atitude avaliativa dos interlocutores. Para os autores (2008, p. 79, tradução nossa), um enunciado descortês tem duas características básicas: “uma violação das expectativas de dada interação e uma avaliação negativa pelos participantes de acordo com as normas de determinada interação”. A avaliação feita pelos interlocutores depende do gênero de discurso em causa, mas depende também, em cada caso, da competência interacional dos participantes, com destaque para a sua competência genérica.

É neste enquadramento que devem ser analisadas as manifestações, nas quais a impolidez parece fazer parte dos atributos de gênero, assim como previram os estudos de (im)polidez de terceira onda. Consideramos, assim, que também a impolidez pode estar submetida à convenção, regulada antes da interação, algo que, de acordo com Briz (2004), apenas caracterizaria a polidez.

Se a agressividade como manifestação de impolidez traz um custo na relação interacional, há, no entanto, outras consequências que justificam a sua ocorrência, pois a agressividade é uma estratégia fundamental na orientação da argumentação discursiva. Relacionaremos, por isso, a teoria da impolidez com a teoria da argumentação no discurso (AMOSSY, 2000; 2009), centrando a atenção em procedimentos discursivos de impolidez como o insulto enquanto ataque, ou argumento *ad hominem* na construção do discurso.

São várias as perspectivas teóricas com divergências em relação à definição e às funções da argumentação *ad hominem*. Este procedimento estratégico heterogêneo, segundo alguns investigadores, nomeadamente Plantin (1996), no seguimento de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1970 [1958]), pode ser subcategorizado como *ad hominem* e *ad personam*. Sendo uma categoria criada no quadro de uma perspectiva normativa da argumentação – a que atualmente a pragma-dialética dá continuidade (VAN EEMEREN; GROOTENDORST, 1984) – a análise deste procedimento em função dos gêneros discursivos reenquadra as suas características e os seus efeitos de sentido. Por sua vez, o ataque (ou argumento) *ad personam* é o ataque à pessoa, à sua dignidade e à sua imagem pessoal. O insulto realiza, prototipicamente, este tipo de ataque, uma estratégia desencadeadora de agressividade verbal

que visa diminuir o adversário, condicionando não só a relação interpessoal, mas também a construção discursiva na sua globalidade. Consideramos, assim, o argumento *ad personam* como uma variante injuriosa do *ad hominem*, pois visa a invalidar a argumentação do interlocutor pela desacreditação da pessoa, e consubstancia-se numa ofensa ao adversário. Assim, para Gauthier (1995, p. 176), o ataque *ad hominem* apresenta um fim em si mesmo, como maneira de desacreditar uma posição.

### **Análise de comentários de um post do Facebook**

O post escolhido para esta análise foi publicado no *Facebook*, no perfil do G1 (portal de notícias da Globo), no dia 12 de julho de 2019. Selecionamos 22 comentários que ilustram como os usuários reagiram a uma das notícias da página, interagindo entre si ou refletindo a respeito do teor da matéria. Como só houve uma ocorrência de *emojis*, não os analisamos, e mantivemos, na íntegra, a redação dos comentários (sem quaisquer adaptações). Cada comentário analisado será indicado pela letra I (interagente), seguida de um número que indica a sua ordem na interação (I1, I2, ...). Além disso, foram apagadas marcas identitárias dos usuários e foi utilizado o mesmo código da interação, porém em itálico (*I1, I2, ...*), para substituir o nome do internauta quando outro o citava. A partir dessas escolhas, ressaltamos que o nosso *corpus* constitui um pequeno recorte para analisar as estratégias de impolidez e de argumentação desencadeadas a partir do assunto abordado no *post*.

Figura 1 – Recorte do *post* do *Facebook*



Fonte: <http://www.facebook.com/g1/posts/3069531306432267>.

A manchete (Figura 1) é “Moradores de rua se casam em avenida de BH” (Belo Horizonte), com o subtítulo “Cerimônia teve celebrante, vestido branco, buquê e bolo”. O internauta pode apenas se ater às informações do *post* ou clicar para ser direcionado à página do jornal e ter acesso ao texto completo da notícia. Em 29 de abril de 2021, portanto quase dois anos após a publicação, o *post* contava com 182 compartilhamentos, 2,1 mil reações e 364 comentários.

Essas informações são importantes para a análise dos comentários, já que o termo casamento é acionado, de maneira multissemiótica, a partir de elementos recorrentes no evento – celebrante, vestido, buquê e bolo. O valor-notícia está justamente no inusitado: o asfalto de uma avenida de Belo Horizonte (local do casamento), os participantes principais identificados como “moradores de rua” (noivo e noiva) e pessoas que estavam ou passavam pela avenida movimentada de BH (que acabam se passando por convidados). A foto que ilustra a notícia mostra noiva de branco, noivo de roupa social e alguém celebrando também vestido a rigor, tudo contrastando com as imagens ao fundo: transeuntes que participam do evento, semáforo, carros, ônibus.

Geralmente, as formas como as pessoas em situação de rua são representadas na mídia brasileira nos dizem muito sobre os processos sociais, políticos, econômicos de exclusão, de desigualdade e de marginalização dessas pessoas que passam ou passaram por essa situação. Não é natural viver na rua, embora no Brasil pareça existir uma naturalização acampada e legitimada por um sistema socioeconômico desigual que promove a exclusão social desse grupo. Assim, o *post* em questão foge do lugar ocupado por essas pessoas nas notícias, que envolvem justificativas para legitimar as políticas expulsivas. Porém, a despeito do teor da notícia – que poderia destacar um momento de alegria para uma população de rua tão sofrida –, chamam a atenção a agressividade e a impolidez presentes nos comentários, que destacamos no Quadro 2:

Quadro 2 – Comentários ao *post* do Facebook

I1: Que Deus abençoe o casal, e todo morador de rua!!!!	I8: Aonde será a lua de mel?	I16: Essa união só vai dar certo pq o marido n vai dizer à mulher: “vou ali na rua e volto já”...
I2: Muito sofrimento e vai aumentar mais ainda	I9: I8, em baixo de algum viadulto da vida	I17: Se separam como fica a separação dos bens
I3: I2, use seu comentário para desejar felicidades pra eles afinal, apesar de tudo, eles também merecem ser felizes.	I10: é feliz assim desmerecendo as pessoas?	I18: A babaquice abunda no facebook
I4: Sofrimento deve ser casado com você	I11: I8 pelo menos um tem a cia do outro. E você? Deve viver sozinha e ser mal amada com um comentário sem noção desses.	I19: um mais babaca que o outro
I5: Talvez amenizem o sofrimento.	I12: I8 é da sua conta?	I20: O importante é a piada, né, babaca?
	I13: Você vai pagar?	

I6: Sacanagem I7: <i>I4</i> , Divorciado está no perfil dele - já entendemos...kkkk	I14: Por acaso a lua de mel deles vai ser na sua casa usando a sua cama? Não! Então fique na sua. I15: Cada miserável aqui debochando.	I21: Babaca à vista I22: Algumas pessoas começando o dia cheios de ódio, imagino quanto sofrimento terão até o fim do dia ou talvez até o fim de suas vidas... se soubessem como é melhor substituir o ódio por amor no coração! Mas é opção de cada um. Deus olhe por eles
--	---	--

Fonte: *Facebook* (2019, editado).

Lendo as interações presentes no Quadro 2, percebemos que, embora os interagentes não pareçam se conhecer, há bastante agressividade nos comentários em resposta uns aos outros. Já em relação ao conteúdo da notícia do casamento de moradores de rua, os comentários parecem ser mais irônicos ou mesmo sarcásticos. Esses ataques virulentos entre os internautas desqualificam e desumanizam o outro, criando o campo de guerra a que Amossy (2017) se refere nas interações digitais, sobretudo pelo fato de as interações mediadas on-line terem, ao mesmo tempo, alto grau de interatividade dialógico e orientação da ação de muitos para muitos (THOMPSON, 2018).

Em I1, o internauta inicia sua intervenção utilizando uma estratégia ambígua, que pode ser considerada polidez (desejando sinceramente felicidades aos nubentes) ou ainda – considerando o contexto social como elemento central no tratamento da impolidez (CULPEPER, 2005), no qual os lugares ocupados, na sociedade, pelas pessoas em situação de rua não são privilegiados – pode ser vista como falsa polidez ou sarcasmo. A ironia e a generalização para um ato de indiretividade são alcançados pelo contexto e também pela inferência na naturalização de um casamento entre moradores de rua e na situação de exclusão social, por isso o nome “Deus” é ativado junto ao nome abstrato de ação (“benção”) e ao pronome indefinido (“todo”), escolhas lexicais que, somadas à expressão “morador de rua”, reforçam a falsa polidez.

Em I2, o internauta faz um comentário construído pela estratégia de impolidez, ao direcionar uma avaliação a respeito da taxa de crescimento da população em situação de rua. A implicatura denota uma impolidez positiva, cuja estratégia está no fato de não ofender alguém, mas, ao mesmo tempo, ser ofensivo dentro de uma consciência cívica do contexto social desse grupo (LEECH, 2014). O uso dos advérbios de intensidade (“muito”, “mais”) junto ao nome abstrato de estado (“sofrimento”) deixa pressuposta a continuidade desse padecimento para aqueles que se encontram em situação de rua. O efeito da impolidez

positiva em I2 é tão grande que, de I3 a I7, todos os interagentes respondem a I2, embora apenas um cite seu nome.

Em I3, o conflito verbal é materializado na referência ao nome próprio de I2, realizando uma estratégia de impolidez negativa, inclusive com uso de imperativo: “use seu comentário para desejar felicidade para eles”. I3 acaba trazendo também a estratégia de sarcasmo em que um interagente invade o território do outro, uma impolidez negativa, mas que busca um acordo com I2 (impolidez positiva), a partir dos marcadores “afinal” e “apesar de tudo”, para enfatizar que, mesmo em circunstâncias adversas, a felicidade com o casamento é uma concessão permitida a todos, independentemente da desigualdade social.

Já I4 utiliza a estratégia de impolidez positiva, inserindo uma avaliação que desqualifica I2 e atinge sua face positiva, ao associar sofrimento a alguém que possa estar casado com ele – o que se configura, aqui, como caso de violência verbal, associando negativamente I2 à instituição casamento. E essa referência a uma relação negativa entre I2 e a ideia de casamento marcará a interação de tal forma que será retomada por I7, posteriormente.

Em seguida, I5 infere uma estratégia de otimismo, uma impolidez positiva que sugere uma resposta à insinuação de I2 a respeito do aumento do sofrimento de pessoas que estão em situação de rua. Assim, I5 retoma a ideia de que a legitimação do enlace matrimonial pode amenizar o sofrimento. Já a reação de I6 sugere vagueza, pois, como não direciona sua interação aos comentaristas de forma direta, não fica claro se a notícia é uma zombaria com as pessoas que se encontram em situação de rua ou se a discussão dos interagentes anteriores é injustificável. Seria uma estratégia de impolidez positiva por meio do uso de um termo coloquial (sacanagem), que tem efeito depreciativo.

Já I7, em resposta a I4, utiliza a impolidez negativa para ratificar a estratégia de impolidez positiva utilizada por I4 e para reiterar a ideia de prejudicar a face de I2. Para isso, I7 destaca que I2, divorciado, falhou no casamento – motivo para ter ironizado a felicidade dos noivos citados na notícia. Em seguida, a estratégia de reforço da ironia é utilizada a partir da expressão “já entendemos”, associando sua posição junto ao ponto de vista de I4, desdenhando da situação de I2, ao mesmo tempo em que o ridiculariza, dando ênfase a esse efeito impolido com os risos ao final.

Dando continuidade à interação deste *post*, percebemos mais um bloco de comentários, no qual I8 demonstra ironia, uma vez que, se os nubentes são pessoas em situação de rua, não terão onde usufruir de uma lua de mel. Essa estratégia de desqualificação dos personagens da notícia – que configura uma ameaça à face de I8 – marca a interação de

tal modo que os interagentes seguintes (de I9 a I15) respondem ao comentário de I8, porém com intencionalidades diferentes. Em I9, há referência explícita ao interlocutor I8, ratificando o tom irônico associado à lua de mel dos noivos e sugerindo que, como pessoas em situação de rua, ficarão embaixo de algum “viaduto (sic) da vida”. Observamos que, em I9, reitera-se a visão negativa da população em situação de rua, que costuma dormir embaixo de marquises e viadutos, e, portanto, não teria outro lugar para onde ir.

Entretanto, a partir de I10 até I15, a reação de todos os interagentes é marcada pela impolidez negativa, retrucando os comentários de I8 – e, por extensão, de I9. Nesses seis comentários, infere-se que os interagentes sentiram-se ofendidos pelas manifestações irônicas em relação aos personagens da notícia e decidiram defendê-los. A sensação de praça de guerra (AMOSSY, 2017) fica explícita nessas interações, com agressões que atingem a face de I8 (e de I9): “é da sua conta?”, “você vai pagar?” “vai ser na sua cama?”. No caso de I11, há um ataque ainda mais contundente à face de I8, que, por ser mulher, tem sua condição feminina destacada, por meio de estereótipos de gênero – já que a cobrança para que a mulher se case é muito maior em relação aos homens em nossa sociedade e, para as mulheres solteiras (por opção ou não), há sempre o pressuposto de que são infelizes e, portanto, mal amadas porque não têm uma companhia (“pelo menos um tem a cia do outro”). A pergunta “E você?” já vem seguida do julgamento e da violência verbal.

Já I15 faz um ataque *ad personam* a I8 e I9 que pode ser estendido a todos os demais participantes, pois usa argumentos que invalidam não só a imagem, mas a própria dignidade deles. Ao escolher lexicalmente o termo “miseráveis” (no sentido de “desprezíveis”), I15 desencadeia uma agressividade que ofende e desqualifica os interagentes como pessoas. Essa estratégia, seguida do uso do verbo “debochar”, no sentido de ironizar, no gerúndio, são argumentos que apontam para a impolidez negativa. Assim, I15 tenta se colocar em um lugar diferente dos demais, mas utiliza a mesma estratégia de ataque.

O terceiro bloco de comentários apresenta sete interações nas quais não há explicitamente referência a outro interagente, mas nas quais se percebem reações a comentários anteriores. Em I16, há sarcasmo para reforçar um comportamento machista e estereotipado sobre as relações de gênero no casamento e sobre o lugar destinado aos envolvidos nessa relação: o espaço privado da casa como lugar da mulher e o espaço público como destinado aos homens. Já I17 direciona o sarcasmo para a ausência de “bens”, a começar pela moradia em se tratando de uma união que envolve dois moradores de rua, ou seja, duas pessoas sem condições mínimas de moradia.

A agressividade sarcástica dos interagentes I16 e I17 é seguida de impolidez positiva por parte dos interagentes I18, I19 e I21, que utilizam a agressividade para qualificá-los como tolos, usando um insulto coloquial. Em seguida, I18 generaliza as atitudes participantes dessa interação a partir do sintagma nominal “a babaquice” e do verbo “abundar”, chamando a atenção para a quantidade de comentários “tolos” presentes na rede *Facebook*; I19 e I21, por sua vez, reafirmam esse ponto de vista. Entretanto, podemos também considerar que I18, I19 e I20 dirigem a crítica a todos os interagentes anteriores que fizeram comentários agressivos e maldosos em relação aos personagens da notícia. Já no caso de I20, há uma impolidez negativa que parece estar direcionada aos comentários feitos por I16 e I17, já que, mesmo sem menção direta a eles, a pergunta parece ser dirigida aos dois, por tratarem o assunto como piada de mau gosto, desqualificando-os pelo uso do vocativo “babaca” deslocado ao final da frase.

Esse bloco termina com o comentário de I22, chamando a atenção, por meio de uma estratégia de impolidez positiva, para a agressividade e o discurso de ódio que estão sendo construídos naquele espaço. O uso de “algumas pessoas” e “se soubessem” parece incluir um grupo específico que frequenta a rede social e dissemina argumentos de ódio e de violência verbal. Além disso, I22 pode ser considerado um comentário a serviço da polidez, do estabelecimento da concórdia.

Percebemos, portanto, que as características linguístico-discursivas que mais se destacaram nesse recorte da nossa análise foram: (i) a desqualificação dos personagens da notícia (pessoas em situação de rua) e/ou do autor do comentário; e (ii) a ironia em relação aos personagens da notícia e/ou ao autor do comentário. Tais constatações reiteram as reflexões de Thompson (2018), para quem a interação muitos-muitos – bastante comum em ambiente digital – demonstra mais exposição dos interagentes e, conseqüentemente, propicia mais lesões à face, mais agressividade. De fato, nos espaços do *Facebook* dedicados a temas sociopolíticos, assistimos, com frequência, a uma dinamização forte e cerrada, com *posts* contínuos, veiculando-se à defesa dos valores e dos protagonistas que são subscritos e atacando, com veemência, as ideias dos contrários e, sobretudo, as pessoas que estão no poder ou as mais frágeis e excluídas, sem direito de resposta. Porém, chama a atenção, na nossa análise, o fato de a temática da notícia não ser sociopolítica, mas sociocultural e, mesmo assim, a impolidez e a agressividade aparecerem em vários comentários.

## Considerações finais

Com o advento da internet e o aumento significativo das redes sociais, os jornais passaram a ter seus perfis também nas redes, além da página on-line do jornal – uma maneira de interagir com o público leitor e fazer com que o internauta acesse a notícia na íntegra, direcionando-o para o site do jornal. Neste artigo, a partir da análise de 22 comentários de um *post* do perfil do G1 no *Facebook*, considerando o quadro teórico de autores que abordam a (im)polidez e a argumentação, em diálogo articulado com pesquisas que vêm se dedicando ao estudo das interações em redes sociais, procuramos investigar estratégias utilizadas nos comentários sobre uma postagem de cunho social que relata o casamento de pessoas em situação de rua em uma praça pública em Belo Horizonte.

Já é consenso que o ambiente da internet é um espaço de diversidade em que circulam discursos de grande potencial ofensivo, polêmicos, insultos verbais e alta recorrência de estratégias de impolidez em detrimento de interações mais polidas e menos conflituosas. Na nossa análise, alguns interagentes também demonstram não se abalar com o que acontece com as pessoas em situação de rua, ridicularizando uma atitude (casamento coletivo) que poderia ser celebrada socialmente como um momento de dignidade conferido a brasileiros já desprovidos de tudo. Assim, os comentários analisados nos serviram de amostra para refletir sobre como a motivação que parece mover os internautas, interagentes no *Facebook*, é a ofensa e a impolidez perante seus interlocutores.

## Referências

AMOSSY, R. **L'argumentation dans le discours**. Paris: Armand Colin, 2000.

AMOSSY, R. Argumentation in Discourse: A Socio-discursive approach to arguments. **OSSA Conference Archive**. 1. 2009. Disponível em: <https://scholar.uwindsor.ca/ossaarchive/OSSA8/keynotes/1>. Acesso em: 15 maio 2021.

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

ANGENOT, M. **Dialogues de sourds**. Traité de rhétorique antilogique. Paris: Mille et une nuits, 2008.

BALOCCO, A. E.; SHEPHERD, T. M. G. A violência verbal em comentários eletrônicos: um estudo discursivo-interacional. **D.E.L.T.A.**, v. 33, n. 4, p. 1013-1037, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-44506536361317067>. Acesso em: 15 maio 2021.

BLITVICH, P. G-C.; SIFIANOU, M. Im/politeness and discursive pragmatics. **Journal of Pragmatics**, v. 145, p. 91-101, 2019.



BRIZ, A. Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada. *In: BRAVO, D.; BRIZ, A. (eds.). **Pragmática sociocultural**: estudios sobre el discurso de cortesía en español.* Barcelona: Ariel, 2004.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness**: Some Universals in Language Usage. Cambridge: University Press, 1987.

CABRAL, A. L. T; LIMA, N. V. Argumentação e polêmica nas redes sociais: o papel de violência verbal. **Signo**, v. 42, n. 73, p. 86-97, 2017.

CARVALHEIRO, J. R.; PRIOR, H.; MORAIS, R. Público, privado e representação online. *In: CARVALHEIRO, J. R. (Coord.). **A nova fluidez de uma velha dicotomia**: público e privado nas comunicações móveis.* Covilhã: LabCom, 2015. p. 7-27.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. **Journal of Pragmatics**, v. 25, p. 349-367, 1996.

CULPEPER, J. Impoliteness and entertainment in television quiz show: the weakest link. **Journal of Politeness Research**, v. 1, p. 35-72, 2005.

FONSECA, J. Heterogeneidade na língua e no discurso. FONSECA, J. **Linguística e Texto**: Teoria, descrição, aplicação. Lisboa: ICALP, 1992. p. 249-292.

GAUTHIER, G. L'argumentation périphérique dans la communication politique: le cas del'argument ad hominem. **Hermès**, v. 16, n. 2, p. 167-185, 1995.

GOFFMAN, E. **Interaction Ritual**: essays on face-to-face behavior. UK: Penguin University Books, 1967.

GRICE, H. P. Logic and Conversation. *In: JAWORSKI, A.; COUPLAND, N. (Eds.). **The Discourse Reader**.* 2. ed. USA: Routledge, 2006 [1975]. p. 66-77.

HAUGH, M.; CULPEPER, J. Integrative pragmatics and (im)politeness theory. *In: ILIE, C.; NORRICK, N. R. (Eds.). **Pragmatics and its Interfaces**.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 213-239.

ILIE, C. Unparliamentary Language: insults as cognitive formas of ideological confrontation. *In: DIRVEN, R.; ROSLYN, F.; ILIE, C. (Orgs.). **Language and Ideology**.* vol. II. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 238-261.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da Conversação**. São Paulo: Parábola, 2006.

LAKOFF, R. T. The logic of politeness; or, minding your p's and q's. *In: CORUM, C. et al. (Eds.). **Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society**,* p. 292-305, 1973.

LEECH, G. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

LEECH, G. **The Pragmatics of Politeness**. New York: Oxford University Press, 2014.

LOCHER, M.; WATTS, R. Relational work and impoliteness: Negotiating norms and linguistic behaviour. *In*: BOUSFIELD, D.; LOCHER, M. (eds.). **Impoliteness in Language**. Studies on its Interplay with Power in Theory and Practice. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 77-99.

MASON, J. **Qualitative Researching**. 2. ed. London, Thousand Oaks & New Delhi: SAGE, 2002.

MOESCHLER, J. **Dire et contredire**. Pragmatique de la négation et acte de réfutation dans la conversation. Berne: Peter Lang, 1982.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Traité de l'argumentation**. La nouvelle rhétorique. Bruxelles: Presses de l'Université Libre de Bruxelles, 1970 [1958].

PLANTIN, C. Le trilogue argumentatif. Présentation de modèle, analyse de cas, **Langue Française**, v. 112, p. 9-30, 1996.

RODRIGUES, M. das G. S. Ponto de vista emocionado no gênero discursivo comentário on-line – violência verbal. **Linha D'Água**, v. 34, n. 1, p. 13-28, 2021.

RODRIGUES, S.V. **Estrutura e Funcionamento da interação verbal polêmica. Contribut para o estudo da polemicidade em Camilo Castelo Branco**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

ROULET, E. Une forme peu étudiée de'échange agonale: la controverse. **Cahiers de Praxématique**, v. 13, n. 3 pp. 7-18, 1989.

TERKOURAFI, M. Beyond the micro-level in politeness research. **Journal of Politeness Research**, v. 1, n. 2, p. 237-263, 2005.

THOMPSON, J. B. A interação mediada na era digital. **Matrizes**, v. 12, n. 3, p. 17-44, 2018.

THOMPSON, J. B. **The media and modernity: a social theory of the media**. Cambridge: Polity, 1995.

VAN EEMEREN, F. H.; GROOTENDORST, R. **Speech Acts in Argumentative Discussions**. A theoretical model for the analysis of discussions directed towards solving conflicts of opinion. Dordrecht: Foris Publications, 1984.

VAN EEMEREN, F. H.; GROOTENDORST, R. **Argumentation, communication and fallacies**. A pragma-dialectical perspective. New Jersey: Lawrence Erlbaum Ass. Publishers, 1992.

## Sobre os autores

*Rodrigo Albuquerque* (<http://orcid.org/0000-0002-5279-4311>)

Professor do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, onde atua, da graduação à pós-graduação, nas áreas de sociolinguística interacional, pragmática, linguística de texto, com ênfase no ensino de língua portuguesa tanto como língua materna quanto como língua adicional. Pós-doutorado na Universidade Federal de Goiás, sob a supervisão da Profa. Dra. Joana Plaza Pinto. Membro do GT de Linguística de Texto e Análise da Conversação da ANPOLL.

*Isabel Roboredo Seara* (<http://orcid.org/0000-0003-2117-5320>)

Professora do Departamento de Humanidades e coordenadora do Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa e do Doutorado em Didática das Línguas Multilinguismo e Educação para a Cidadania Global, uma parceria da FCSH – Universidade Nova de Lisboa e Universidade Aberta. Investigadora integrada do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa e colaboradora do Grupo de Investigação Pragmática. Discurso. Cognição (PraDiC) do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. Coordena o projeto DIGITHUM (Digital Humanities) do Laboratório de Educação a Distância e e-learning (LeaD). Doutorada em Linguística Portuguesa, desenvolve trabalho de investigação no âmbito dos estudos de pragmática, análise do discurso, retórica, epistolografia, privilegiando igualmente os estudos de comunicação mediada por computador, nomeadamente os efeitos sociais e linguísticos das tecnologias digitais.

*Leonor Werneck dos Santos* (<http://orcid.org/0000-0002-8415-3535>)

Professora Titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atua desde 1995, com Mestrado e Doutorado pela mesma instituição. Pós-doutorado na Universidade Aberta-Portugal, sob a supervisão da Profa. Dra. Isabel Roboredo Seara (2018), e na Universidade Federal do Ceará, sob a supervisão da Profa. Dra. Mônica Cavalcante/UFC (2013), com Bolsa Pós-Doutorado Sênior do CNPq. Ex-professora de ensino fundamental e médio (Colégio Pedro II, rede municipal e particular do Rio de Janeiro). Membro do GT de Linguística de Texto e Análise da Conversação da ANPOLL.

*Micheline Mattedi Tomazi* (<http://orcid.org/0000-0002-2246-7061>)

Professora Associada da Universidade Federal do Espírito Santo, onde atua desde 2009, com Mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Doutorado em Linguística pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pós-doutorado na Universidade Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha, concluído em 2019, sob a supervisão do Prof. Dr. Teun A. van Dijk e Pós-doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, sob a supervisão da Profa. Dra. Janice Marinho, concluído em 2014. Membro do GT de Linguística do Texto e Análise da Conversação da ANPOLL e líder do Grupo de Estudos sobre Discursos da Mídia (GEDIM).

Recebido em maio de 2021.

Aprovado em agosto de 2021.